



A narrativa da peregrinação –
experiência e forma
(uma leitura do *Itinerarium Aetherae*)



Gilberto Figueiredo Martins



RESUMO

O ensaio apresenta uma leitura crítica da obra medieval conhecida como o **Itinerário de Etéria**, na qual a autora relata as viagens de peregrinação às Terras Santas que realizou entre o final do século IV e o início do V a. C..



PALAVRA-CHAVE

Literatura e religião – cristianismo - peregrinação religiosa - Etéria.



RESUMEN

El ensayo presenta una lectura crítica de la obra medieval conocida como el **Itinerario de Eteria**, en la cual la autora relata los viajes de peregrinación a las Tierras Santas que realizó a finales del siglo IV y comienzos del V a. C..



PALAVRAS CLAVE

Literatura y religión – cristianismo - peregrinación religiosa - Eteria.

“O Divino para mim é o real.”
(Clarice Lispector, **A Paixão segundo G.H.**)

No célebre ensaio “O narrador”, Walter Benjamin tece conscienciosas e polêmicas considerações acerca do risco de extinção que estaria correndo, na *era da informação*, a “arte de narrar”. Segundo o pensador alemão, isto se verificaria com a “evolução secular das forças produtivas”, devido à gradativa privação da nossa “faculdade de intercambiar experiências”, as quais seriam cada vez “mais pobres” e “mais radicalmente desmoralizadas”. Assim, os antigos narradores anônimos – tivessem sido eles marinheiros comerciantes ou camponeses sedentários e viajantes - ainda teriam tido a chance de vivenciar a autêntica “experiência que passa de pessoa a pessoa”, fonte significativa de suas histórias orais. E o “senso prático” encontrava-se na natureza destas que constituíam, para ele, o espírito da “verdadeira narrativa”, anterior ao surgimento do gênero romance e ao predomínio da imprensa, que vive de produzir informação somente sobre o que é próximo e imediato:

Ela [a narrativa] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensi-



namento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira o narrador é um homem que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1994, p. 200).

E o ensaísta conclui, sem disfarçar certo tom nostálgico em seu melancólico diagnóstico sobre os novos tempos que então se anunciavam:

Quem viaja tem muito que contar', diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe (BENJAMIN, 1994, p. 198).

/.../ o saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos. O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição –, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência (BENJAMIN, 1994, p. 202-3).

A leitura dos relatos que Etéria (ou Egéria) relegou à posteridade, registrando os locais sagrados por que passou em sua peregrinação de cerca de três anos pelo itinerário das Terras Santas no Oriente, motiva o resgate das ideias de Walter Benjamin sobre as relações entre experiência e narrativa. Escrito provavelmente entre os últimos anos do século IV e os primeiros do V d.C., porém redescoberto apenas no final do século XIX, o *Itinerarium* da peregrina de origem desconhecida (acredita-se que era gaulesa ou galega) destina-se a suas possíveis companheiras de convento (as *dominae sorores*¹, ou “veneráveis irmãs”), para servir como *testemunho* e contribuir na divulgação da doutrina cristã. Tais manuscritos medievais (mesmo nos chegando incompletos) aliam ao poder de observação da autora – que transfere ao leitor a convicção de ser *vero* o relatado porque efetivamente *visto* e comprovado - a potência do estilo, mobilizado para instituir uma aura de *validade exemplar* ao escrito, a fim de que permaneça como modelo de conduta - sobretudo litúrgica, com destaque para os ritos da catequese da iniciação cristã. É, portanto, documento histórico autorizado e produto da memória individual; retrato moral e escrito utilitário-instrucional; repositório que reaviva tradições e reinstaura no presente o outrora, assim como é mostruário de paisagens que guardam o prestígio do alhures... Para Etéria, ver é saber; lembrar é transmitir². Como convinha à retórica dos textos medievais de temática religiosa, a peregrina encarna o tom humilde e certa dose de decoro ao produzir seu relato descritivo, embora também se reconheça de fato privilegiada por poder experimentar e depois transferir vivências tão excepcionais.

Diz-se “indigna e não merecedora” (p. 56), refere-se constantemente à sua “pequenez”, mas acaba por justificar tamanho privilégio como tão-somente advindo da inquestionável “vontade de Deus”³ (p. 79):

/.../ atravessando o mar, cheguei a Constantinopla dando graças a Cristo, nosso Deus, que se dignara conceder a mim, que sou indigna e não merecedora, esta grande graça que é não só o desejo de viajar, mas ainda a possibilidade de percorrer todos os lugares que eu desejara – e de voltar de novo a Constantinopla. (p. 84)

Mas o quê e de que modo relata a peregrina Etéria a suas coetâneas (e também, talvez sem o prever, a nós, tantos séculos depois)?

A topografia sagrada presente no Antigo e no Novo Testamento é o foco dos primeiros vinte e três capítulos do *Itinerarium*. Espécie de diário de viagem ou excerto de autobiografia, o texto registra a passagem da autora por lugares santos, que então já ostentavam aura de especialidades simbólicas: o Monte Sinai, “montanha sagrada de Deus” (p. 47), onde os israelitas teriam recebido a *Lei*, após a saída do Egito; o rio Jordão, que eles atravessaram guiados por Josué, filho de Nave; o Monte Hereb, morada do profeta Elias; o Monte Nebo, de onde se podia contemplar panoramicamente a Terra Prometida; a Iduméia, país natal de Jó; o túmulo de São Tomé, em Edessa, na Mesopotâmia; entre outros⁴.

A disposição universal de visitar sítios como estes se concretiza naquele século como rito e prática devocional, e o deslocamento propicia aos peregrinos a sensação de entrar em contato direto com o divino, reinstalando-se no presente o tempo *original* do mito⁵. Não à toa, o próprio relato de Etéria é constantemente atravessado por forte emoção. E, identificando o interesse crescente dos povos em vivenciar tais experiências epifânicas, ela registra - impressionada - o contato com multidões de fiéis peregrinos que reatualizavam, diariamente, o empenho com que Helena, mãe do Imperador Constantino, iniciara a tradição da peregrinação a Jerusalém, nos primórdios da expansão da Nova Igreja⁶.

Sempre acompanhada por prestativos guias locais (normalmente clérigos e monges, os “santos guias”, de quem por vezes transcreve o depoimento), e com as **Escrituras Sagradas** em punho (ou na memória), a peregrina segue reconhecendo lugares descritos no texto bíblico⁷, obedecendo aos costumes rituais estabelecidos, de rezar e/ou fazer oblações na chegada a cada um deles. Alguns dos lugares vistos já eram conhecidos pela peregrina, ou por ter ouvido relatos anteriores de outros viajantes, ou porque já os visitara antes (caso da “terra de Gessen”), o que também comprova terem sido várias as suas viagens. Isto não impede, entretanto,

que se reafirme e se renove seu “desejo de ver”⁸, logo justificado: “eu queria conhecer a fundo os lugares por onde tinham andado os filhos de Israel” (p. 62, sendo meu o grifo); ou ainda, mais simplesmente: “Eu, então, que sou bastante curiosa /.../” (p. 71).

Ao escrever, às vezes se detém em minúcias descritivas, principalmente quando sabe que a referência a grandezas e monumentalidades pode aumentar o impacto sobre quem a lê. Nestes trechos, parece agir como um guia turístico ou um redator publicitário: assim, por exemplo, o vale que deve ser atravessado para se chegar ao Sinai “pode ter, mais ou menos, /.../ dezesseis mil passos de comprimento e, de largura, quatro mil”; a especial localização do Monte, que ocasiona uma espécie de engano da percepção, da mesma forma, torna-o “realmente admirável e /.../ não seria possível sem a graça de Deus” (p. 49). Outras vezes, parece se aborrecer com detalhes, remetendo suas leitoras ao texto bíblico, cuja veridicidade o seu próprio relato vem, afinal, apenas ratificar: “Assim, pois, minuciosamente, tudo quanto /.../ se passara nesse lugar /.../, tudo nos foi mostrado. Descrivê-lo pormenorizadamente seria demais, mesmo porque nem se poderiam lembrar tantas minúcias; mas, lendo Vossa Bondade os Livros Santos de Moisés, compreenderá melhor os fatos que ali aconteceram” (p. 55).

E assim Etéria optará por fazer, ao tratar de cada nova localidade. Seu estilo reiterativo⁹ e marcadamente visual mostra-se muito adequado à tarefa que se impõe. Na tradução aqui utilizada, aparecem, por exemplo, inúmeros dêiticos e locuções adverbiais temporais e espaciais (“daqui se vê”, “depois de vermos”, “depois que lá cheguei”, “agora”, “ainda, até hoje”, “e agora nós víamos”, “nesse mesmo dia”, “atualmente”), a indicar o momento e o lugar da enunciação; além de várias expressões de valor demonstrativo (“este é”, “nesse lugar”, “esse é também o lugar onde...”, “esta igreja que vedes”), as quais apóiam o processo descritivo, permitindo às interlocutoras *visualizar*, no presente da leitura, os espaços em que a narrativa se detém; finalmente são mobilizadas referências ao próprio texto, retomando informações já dadas ou antecipando – a denunciar um projeto de escritura – o que se dirá depois (“segundo contei”, “acima descrevi”, “adiante registraremos”, “tal como o vereis descrito adiante”...). São recursos expressivos a serviço de uma consciência ordenadora, que submete a face heurística da experiência vivida a um objetivo determinado, assumindo a dimensão utilitária da narrativa, que ganha status semelhante àquele do qual nos falava Benjamin. Etéria conta estórias, mas também parece saber que, com isto, faz História...

Um dado documental importante do *Itinerarium* são as recorrentes referências a monges, monastérios e ermidas, a dar testemunho do alto

desenvolvimento do monacato, das práticas ascéticas e do eremitismo, a partir do século IV¹⁰. E, é claro, além de auxiliarem futuros peregrinos em suas viagens, relatos como o de Etéria acabam por fornecer informações essenciais acerca da situação na qual, à época, se encontravam os lugares e monumentos bíblicos.

Por isso, os comentadores têm destacado a importância central do relato da **Peregrinação de Etéria** para o conhecimento histórico dos percursos e percalços da expansão da fé cristã na Idade Média, mas também como rica fonte para estudos lingüísticos e filológicos, pois o texto registra vocabulário e sintaxe que mesclam o latim clássico, o chamado latim corrente (ou falado) e a variante eclesiástica¹¹.

Finalmente, a segunda parte do *Itinerarium* – que vai do excerto (ou capítulo) 24 ao 49 – soma aos aspectos documental e literário do texto uma dimensão pedagógica e formativa, mais eminentemente religiosa, ao registrar a exemplaridade das práticas litúrgicas coletivas, em voga por volta do ano 400 d.C.¹². Festas e celebrações, jejuns e penitências, hinos e orações, costumes e inovações; procissões; atos litúrgicos miméticos e memoriais (ao redor da Ressurreição¹³); combinação de emoção partilhada e formalismo ritual; o desenvolvimento do culto à Cruz; o prestígio das relíquias e ruínas; a ênfase no aspecto histórico da vida de Cristo; a formação dos iniciantes e iniciados; as inovações arquitetônicas instauradas pelo Imperador Constantino ao legitimar a crença cristã¹⁴: tudo Etéria aprende e apreende, registra e comenta, com linguagem acessível e tom de familiaridade afetiva¹⁵, a fim de, com seu testemunho, incentivar e intensificar a fé de seus pares¹⁶.

NOTAS:

1. Cf. introdução de Maria da Glória Novak à edição brasileira do texto de ETÉRIA (2004, pp. 9-15).

2. Ao tratar mais pormenorizadamente das peregrinações a Santiago de Compostela, ATIENZA (2004) lembra que os perigos por que passa o peregrino em suas rotas o tornam alguém dotado de experiência (no sentido forte do termo), ou seja, um perito ou *expert*. Confundem-se, assim, no espírito do caminhante, percursos exteriores e rastros de uma viagem iniciática interior, como meio imprescindível de conhecimento e aprendizagem.

3. Enquanto vários de seus futuros comentadores atribuirão tal privilégio a uma prerrogativa *de classe* (com o perdão do anacronismo), considerando a suposta origem nobre da peregrina. Ver, por exemplo, FONDA (1966, pp. 47-50), onde se lê (ainda que, para depois, questionar a mesma hipótese): “As condições em que se deu a viagem da Peregrina podiam, em primeiro lugar, ser satisfeitas unicamente por uma mulher de alta posição social, e que, evidentemente, teria que ter tido vínculos de amizade ou parentesco com a corte. Partindo, assim, do fato de ter ela viajado com séqüito e sob escolta militar, /.../ de

ter sido acolhida com excessiva hospitalidade pelos monges e acompanhada pelos mesmos aonde quer que ela quisesse, /.../ e pelo fato de até bispos terem ido ao seu encontro e atendê-la com solicitude quando ela os procurava no transcurso de suas viagens /.../”.

4 No comentário introdutório que traz a edição brasileira, lê-se um esboço de justificativa ou explicação para o início da tradição de peregrinações: “Não só os textos sagrados falam da mensagem da Salvação. Ela nos é transmitida também por outros modos. Entre eles estariam os lugares que nos falam de Deus, que nos recordam a Salvação. /.../ Certos lugares, por motivos históricos ou topográficos, parece serem capazes de falar aos homens e, por isso mesmo, serem sinais de Salvação.” (ETÉRIA, 2004, p. 22).

5 “Desde as primeiras gerações cristãs o desejo e a curiosidade, muito justificados, de visitar e conhecer os lugares santos /.../ acentuaram-se de maneira decisiva. Esse movimento peregrinante, digamos assim, intensificou-se, como seria natural, com o **Edito de Tolerância** (312 A. D.), apesar dos obstáculos temporâneos dos árabes, que dificultavam o ingresso de alienígenas na Terra Santa. Após a promulgação do *Édito de Tolerância*, Constantino deu ao ato uma expressão bem definida, que se consubstanciou, por exemplo, na construção de magníficas igrejas que forma levantadas por todo o Império. /.../ Todo esse esforço hercúleo para definir as formas de exteriorização do Cristianismo, encontra, por outro lado, a recíproca, definida também pelo esforço dos cristãos livres de exteriorizarem sua fé individual, testemunhado pelo grande número de peregrinações a Jerusalém, aos lugares onde tinha vivido o Salvador, ao túmulo sobre o qual a Imperatriz Helena mandara erigir a Igreja da Ressurreição.” (FONDA, 1966, pp. 27-8).

6 Cf. RUNCIMAN (1992) e NÓVOA (2003), que cita Eusébio de Cesárea como uma de suas fontes.

7 “/.../ isso, na verdade, era de suma importância para nós: (LACUNA) eu desejava sempre que, onde quer que chegássemos, lêssemos, no Livro, o trecho correspondente” (ETÉRIA, 2004, p. 52). No ensaio, sempre que cito um trecho desta obra, menciono apenas o número da página correspondente, entre parênteses.

8 Inúmeras expressões no texto indiciam certa pulsão escópica da peregrina, que tudo quer ver para descobrir ou confirmar, movendo a escrita uma espécie de *impulso dialético de re-velação*. Mas também antecipam, nessa vontade de *re-conhecer* as provas da Salvação e da Obra de Deus, algo que seria predominante apenas séculos depois, no mundo renascentista: a ideia da importância do documento, do testemunho, do registro, para conferir legitimidade à letra. Talvez por isso, ao final da primeira parte do *Itinerarium*, se leia este curioso depoimento de Etéria acerca das fontes utilizadas: “Foi ainda, para mim, motivo de alegria receber, desse santo bispo [de Edessa], as duas cartas que aí nos lera, quer a de Abgar ao Senhor, quer a do Senhor a Abgar. E ainda que eu tenha exemplares delas na minha pátria, ainda assim me parece mais agradável recebê-las dele, aqui: já que talvez o texto tenha chegado incompleto até nós, na nossa pátria – pois é, de fato, maior este que aqui recebi. E se Jesus, nosso Deus, o ordenar e eu voltar à minha pátria, vós também o lereis, senhoras da minha alma” (p. 78).

9 O capítulo V da tese de VALLE (2008, p. 147) trata especialmente desse aspecto do estilo de Etéria, vinculando a repetição e o uso de formas cristalizadas que tendem para o clichê a certa monotonia que marcaria os relatos de suas viagens. No entanto, logo tenta justificar a mobilização desses meios, relacionando-os à matéria narrada: “Há ocasiões em que as repetições como que independem da autora. São uma decorrência da própria narrativa. Na segunda parte da *Peregrinatio* (24-9), por exemplo, algumas repetições reproduzem a seqüência dos atos religiosos, do mesmo modo (“similiter”), programados de acordo com o dia, hora e local, seqüência monótona acompanhando os movimentos das celebrações. A liturgia da Semana Santa em Jerusalém é narrada com pormenores, dia a dia (*singulis diebus*), /.../ ofício por ofício. Aqui nada pode ser mudado e uma narração fiel

deixa impregnar-se da exaustiva monotonia das celebrações.”

Do mesmo modo, baseando-se em texto de Leo Spitzer (“The Epic Style of the *Pilgrim Aetheria*”), FONDA (1966 pp. 103-5) considera que as repetições “reproduzem um efeito estático, uma pausa contemplativa de veneração e respeito”; além disso, no texto original, a recorrência a locuções como “*itaque ergo*” seria um potente recurso rítmico e discursivo, a saber, “a didascálica insistência em querer manter as leitoras como que alertas e na expectativa do que há de vir ainda. Tal sintagma serviria para dissipar uma eventual impassividade e amenizar o provável enfado”.

10 Ver NÓVOA (2003). Informa FONDA (1966, p. 31): “A fama dos monges orientais chegara até o Ocidente, e muitos cristãos desejavam ver pessoalmente os milagres de devoção e conhecer o teor de vida ascética daqueles varões, cujas virtudes tinham-se propalado até os últimos limites do mundo romano”.

11 Ou o *sermo classicus*, o *sermo quotidianus* e o *sermo ecclesiasticus*. A Tese de Livre-Docência de Rosalvo do Valle, publicada em forma de cd-rom em 2008, detém-se especialmente nesse aspecto do texto de Etéria.

12 “Apesar de perdas as primeiras impressões pessoais, contidas talvez no princípio do texto, contudo mostrou-nos Etéria, pelo menos através das cerimônias litúrgicas, como os fiéis procuravam reviver, de hora em hora, dia a dia, os acontecimentos da Semana Santa, exteriorizando até sua fé profunda e sua viva dor de forma ruidosa.” (FONDA, 1966, p. 29).

13 Cf. NÓVOA (2003).

14 “E que posso eu dizer da ornamentação dessas construções de Constantino que, assistido pela mãe, até onde lhe permitiram os recursos do seu reino, decorou com ouro, mosaico e mármore precioso tanto a Igreja Maior quanto a *Anástasis*, a Cruz e os outros lugares santos de Jerusalém?” (p. 94).

15 Conclui VALLE (2008, pp 70-1): “Não há contradição em se afirmar que a *Peregrinatio Aetheriae* é uma fonte do latim vulgar, apesar do seu forte contingente da língua culta. É, de fato, uma obra literária *lato sensu* por estar redigida numa língua que procura seguir as normas da língua literária tradicional. Mas é uma literatura que visa essencialmente à comunicação imediata. A autora quer, sobretudo, fazer-se entender, de onde o tom coloquial desse diário. Então a língua da obra é um latim culto/coloquial cristão, numa época em que já se conhecia um *usus loquendi ecclesiasticus*, um latim cristão que se denuncia logo pelo vocabulário. A gramática – e não poderia ser de outra forma – é basicamente a gramática latina tradicional com alguns “senões” que, considerados erros numa outra sincronia (período clássico), são, na verdade, formas de uma linguagem menos tensa, menos formal, muitas vezes realmente populares, que na época imperial (especialmente a partir do II século) vão cada vez mais ocorrendo nos textos.”

16 “Convém lembrar que os Cultos religiosos eram celebrados no cenário em que se desenrolaram os Mistérios Divinos da Redenção Cristã, contribuindo assim, coisa muito natural, o ambiente físico numa relação direta com a Liturgia” (FONDA, 1966, p. 139).



REFERÊNCIAS

ATIENZA, Juan G.. “Cómo nasce un mito universal”. In Los peregrinos del Camino de Santiago. Madrid: EDAF, 2004 (pp. 59-92).

BENJAMIN, Walter. “O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política** (vol. 1). Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1994 (pp. 197-221).

ETÉRIA. **Peregrinação de Etéria – Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV**. Trad. de Maria da Glória Novak. 2. ed.. Petrópolis: Vozes, 2004.

FONDA, Enio Aloísio. **A síntese orgânica do Itinerarium Aetherae**. Assis/SP: FFCL, 1966.

NÓVOA, Feliciano (coord.). “Finisterre a Jerusalém. Egeria y los primeros peregrinos cristianos”. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2003, pp. 75-85.

RUNCIMAN, Steven. “Os peregrinos de Cristo”, in **História das cruzadas**, vol. I. Lisboa: Horizonte, 1992 (pp. 37-45).

VALLE, Rosalvo do. **Considerações sobre a Peregrinatio Aetherae**. (CD-ROM organizado por José Pereira da Silva). Rio de Janeiro: Botelho, 2008.

O autor é Doutor em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis (SP). Publicou o livro Estátuas invisíveis – Experiências do espaço público na ficção de Clarice Lispector (EDUSP/Nankim) e vários artigos.